

IGREJA SÃO PELEGRINO – CAXIAS DO SUL – 07/11/12

## VIRTUDE DA CARIDADE: CUIDADO E RESPONSABILIDADE

Pe. Jairo Luiz Gusberti

### Considerações iniciais

Vivemos numa mudança de época. A pessoa humana está em constante busca do sentido da vida e da vivência dos valores que permanecem, capacitando sempre melhor as relações intersubjetivas em vista de uma sociedade mais humana. Os grandes avanços da tecnologia e a velocidade sempre maior da comunicação não podem ocultar os sentimentos, a capacidade reflexiva, a fé, a esperança e a caridade dos seres humanos. Para que a fome, a corrupção, as guerras, as injustiças sociais, o individualismo não se tornem paisagem cotidiana, são necessários repensar sempre de novo os valores e a vivência dos mesmos.

Tendo em vista o tema proposto, a “virtude da caridade”, nada melhor que definir estes dois termos para uma melhor compreensão e desenvolvimento do trabalho proposto. **Virtude** - “Termo de origem latina que concebe as qualidades humanas básicas por meio das quais a força interior se exprime (...). Força semelhante ao poder curativo de um medicamento”<sup>1</sup>. **Caridade** – Virtude teologal que nos leva a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Jesus fez desta virtude o novo mandamento “amando os seus até o fim”. A caridade é espontânea e nunca egoísta. Seu princípio está em Deus que, de maneira gratuita, decidiu entregar a sua vida pelos homens<sup>2</sup>. “A caridade, o amor é como entrar num oceano, no qual é mais fácil se afogar que dizer algo”<sup>3</sup>.

### 1. O que é a caridade, o amor dos cristãos?<sup>4</sup>

**É o anúncio do amor de Deus em Jesus Cristo.** O fundamento do amor cristão está em Deus que se revelou em Jesus Cristo. “Como o Pai me amou assim também ameí vocês, permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos permaneceréis no meu amor. Amem-se uns aos outros como eu vos ameí” (cf. Jo 15, 9-12). Deus Pai nos ama por meio de Jesus Cristo no Espírito Santo. “Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1Jo 4, 16).

São três as formas concretas da caridade: o amor de Deus para conosco; o amor das pessoas para com Deus; e, o amor da pessoa para com o seu próximo. Estas três formas de caridade são uma só realidade. Estas três dimensões estão tão unidas que não se podem separar e é isso que caracteriza o amor, a caridade cristã. Santo Agostinho dizia que Deus nos criou por amor (atitude de gratuidade por parte d’Ele), com amor (o amor d’Ele está em nós) e para o amor (é a nossa tarefa e missão). “Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus.”<sup>5</sup>

**O amor cristão e o amor humano.** O amor humano tem muitas expressões [**Eros** - o amor cobiçoso, ansioso que faz um homem e uma mulher encontrarem-se intimamente. **Philia** - amizade. É o amor dos amigos. Não entra a cobiça. O amigo se alegra com o amigo por ser como ele é. Jesus se refere a esse amor quando Ele diz: “Ninguém tem maior

<sup>1</sup> JORGE, José Antônio, *Dicionário Informativo Bíblico, Teológico e litúrgico*, p. 533.

<sup>2</sup> Cf. PIKAZA, Xabier. *Amor*. In., *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, p. 16.

<sup>3</sup> MARTINI, Carlo Maria. *Las virtudes del cristiano que vigila*, p. 109.

<sup>4</sup> Cf. MARTINI, Carlo Maria. *Las virtudes del cristiano que vigila*, p. 109-119.

<sup>5</sup> BENTO XVI. *Deus é amor*, 15. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006

amor do que aquele que dá a vida pelos amigos” (Jo 15,13)]<sup>6</sup>. Mas a caridade, o amor cristão, é graça e dom que vem de Deus.

**Ágape** é o amor Divino, o amor casto e puro. É um querer bem, fundamentalmente, não apenas ao amigo, mas a todo o ser humano. É o amor de Deus por nós e o nosso amor a Deus. O **Ágape** não deseja nada dos outros ou de Deus: ama o outro por causa dele mesmo. O **Ágape** não está misturado com a vontade de possuir e controlar. É o amor casto, que deixa transparecer algo do amor Divino (...). Disso resulta que devemos subir do **Eros**, através da **Philia** para chegar ao **Ágape**, deixando para trás as duas primeiras formas de amor. As três formas de amor, juntas, têm que formar uma só unidade. A **Philia** participa da força do **Eros**. E também o **Ágape** igualmente precisa do **Eros**; senão, fica sem força e insignificante. E o **Ágape** pode igualmente estar presente dentro do amor erótico. Assim se torna amor casto e claro<sup>7</sup>.

A caridade surge da fé e supera as formas humanas de amar. É o caso de amar os inimigos e do perdão gratuito. Para fazer isso é necessário algo mais e que nasce da Cruz de Cristo. “Consiste precisamente no fato de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem sequer conheço.”<sup>8</sup>. Mesmo assim o amor divino corrige todos os desvios e incoerências do amor humano. “Somos chamados a sermos contemplativos do ser humano como imagem de Deus, como reflexo sagrado do divino na terra”<sup>9</sup>.

A caridade cristã se exercita nas coisas simples do dia a dia. Eis alguns modos: um sorriso, um bom dia, uma escuta atenta de um desabafo, ir prestar um serviço sem esperar em troca nada, o perdão sem impor condições, o respeito, a verdade e a justiça, etc.

A caridade nasce de Deus. Ela é um dom Dele. A caridade nasce da fé. A fé nasce do anúncio da Palavra de Deus. A caridade se amplia e cresce, na medida em que compreendemos como Jesus nos amou e nos ama, como Ele amou e tratou os pequenos, os pobres, os leprosos, os enfermos e os seus inimigos. “No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo.”<sup>10</sup>.

Somente a caridade penetra as intimidades de Deus e também a realidade mais profunda do ser humano. E somente com um espírito de contemplação se alcança esta caridade que não tem fronteiras nem aceita cálculos egoístas na vida do apóstolo. A caridade faz descobrir os planos salvíficos de Deus sobre os homens e compromete a dar a própria vida em holocausto como a vida do Bom Pastor (Jo 10)<sup>11</sup>.

Os cristãos, porque configurados a Cristo Jesus, fazem de suas vidas uma constante doação. Eles não podem permanecer indiferentes diante da realidade que os cercam. Por isso, movidos pela caridade:

as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitam a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade

<sup>6</sup> Cf. GRÜN, Anselm. *Liderar por meio de valores*. São Paulo: Paulus, p. 113.

<sup>7</sup> GRÜN, Anselm. *Liderar por meio de valores*, p. 114.

<sup>8</sup> BENTO XVI. *Deus é amor*, 18. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006.

<sup>9</sup> MANUEL FERNÁNDEZ, Víctor. *Teologia espiritual encarnada*, p. 55.

<sup>10</sup> BENTO XVI. *Deus é amor*, 1. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006.

<sup>11</sup> ESQUERDA BIFET, Juan. *Espiritualidad misionera*, 93-94.

cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história<sup>12</sup>.

A caridade que tem sua fonte em Deus se expressa no cuidado e na responsabilidade humana. A seguir o trabalho aprofundará de modo sucinto estes dois horizontes sem excluir os demais que fazem parte da caridade.

### 1. A gênese do cuidado<sup>13</sup>

A palavra cuidado vem ocupando espaço na escola, na vida dos cristãos, no trabalho, no lazer, nos comentários esportivos, nos hospitais, nas creches e com tudo o que se relaciona com a natureza.

Cuidado vem do latim *cogitatus*, que significa atenção, preocupação, cautela, zelo. O cuidado que se busca entender, tem como centralidade a Pessoa de Jesus Cristo. Neste sentido, é necessário sempre se dispor a ver as pessoas como dignas de confiança, de respeito e de estima. O contrário, a desconfiança, já impede o cuidado, como tarefa evangélica.

O cuidado é sempre um agir misericordioso. O autoritarismo, os julgamentos, as receitas prontas, não fazem parte deste universo. A relação deve ser de irmãos entre irmãos. Neste horizonte se estabelece o aprendizado e o crescimento.

#### a. O cuidado na tradição judaico-cristão

Em meio a um mundo em que as pessoas vivem a pressa, a ansiedade e a massificação urge a centralidade do cuidado. Porém, um cuidado que abrange a totalidade da pessoa humana. Existe o perigo do cuidado por departamentos: dar esmola, ou, dar alimentos, ou, dar roupas, ou dar remédios.

Na visão judaico-cristã a questão do cuidado é significativa entre Deus e os seres humanos. Envolve um mistério profundo de respeito para com a criação. O Deus da Revelação não é um Deus que depois de ter criado tudo se ausentou. É um Deus que além de ter criado todas as coisas caminha com o seu povo e possui entranhas de misericórdia. É um Deus amoroso e cuidadoso para com tudo aquilo que Ele criou. O cuidado de Deus é expresso, em uma linguagem bíblica, como Providência Divina. Eis alguns textos que expressam o cuidado de Deus para com o ser humano:

**Sl 27, 10** – “Meu pai e minha mãe me abandonaram, mas Deus me acolhe”;

**Sl 37, 5** – “Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e ele agirá”;

**Sl 55, 23** – “Descarrega o teu fardo no Senhor e ele cuidará de ti; ele jamais permitirá que o justo tropece”.

**Sl 68, 20** - “Bendito seja o Senhor dia após dia! Deus cuida de nós: Ele é o nosso Salvador”;

**Is 49, 15** – “Por acaso uma mulher se esquecerá de sua criancinha de peito? Não se compadecerá do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esqueceria de ti”;

**1Rs 17, 4-6.9; 19,5-8** – Deus que envia os corvos para levar comida a Elias. Prepara uma viúva para alimentá-lo. E envia anjos para alimentá-lo no deserto;

**Ex 13, 21** – Durante a caminhada do deserto Deus envia a nuvem. De dia protegia do sol forte e de noite iluminava, para que o povo pudesse continuar a caminhada;

**Is 60, 19-22** – “Não terás mais o sol como a luz do dia, nem o clarão da lua te iluminará, porque o Senhor será a tua luz para sempre, e o teu Deus será o teu esplendor”;

**Jz 18,6** – “Podes ir em paz. A vossa viagem está sob os cuidados do Senhor”.

**Sb 7, 4** – “Fui envolto em fraldas e rodeado de cuidados”;

<sup>12</sup> LOPES, Geraldo. *Gaudium et Spes*, 1. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011.

<sup>13</sup> Nos itens *Gênese do cuidado, o cuidado na tradição judaico-cristão e o cuidado numa dimensão da fé cristã* a pesquisa segue o autor BENEDITO DOS SANTOS, Jésus, em sua obra: “*Novo Presbítero Católico sob a Mística do cuidado*”. p. 89 – 95.

**Dt 32, 8-12** – Deus protege dos inimigos para viver tranquilos.

**At 13, 18** – “E, durante mais ou menos 40 anos, cercou-os de cuidados no deserto”;

**Gn 50, 24** – José disse aos irmãos: “Estou para morrer, mas Deus cuidará de vós e far-vos-á sair daqui para a terra que ele prometeu, com juramento, dar a Abraão, Isaac e Jacó”;

**Dt 11,12** – “É a terra da qual Deus cuida. Ele olha sempre por ela, desde o começo do ano até o fim”;

**Sb 2,18** – “Se o justo é filho de Deus, Deus cuidará dele e o livrará da mão dos seus adversários”;

**Mt 6, 25-34** – Por isso eu vos digo: não vos preocupeis com a vossa vida quanto ao que haveis de comer, nem com o que o vosso corpo quanto ao que haveis de vestir (...). Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje e amanhã será lançada ao forno, não fará ele muito mais por vós homens fracos na fé? (...) Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo”.

**Mt 11, 28-30** – “Venham para mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo, e eu lhes darei descanso...”.

A ação do cuidado de Deus, segundo a tradição judaico-cristã, se materializa nas formas mais abrangentes de atendimento das necessidades da existência humana. Tal cuidado passa pela reconciliação e pela conversão do ser humano para com Deus. A base da confiança neste cuidado de Deus está na certeza de que a vida tem uma única origem e fim: a vontade de Deus<sup>14</sup>.

Desta compreensão se admite que tudo é dom e graça de Deus. “O Deus cuidador se revela didaticamente na existência humana”<sup>15</sup>. Isso leva o ser humano a ter confiança na Providência Divina. Assim o mundo é palco da manifestação da graça de Deus. Esta confiança se torna terapêutica e portadora de esperança.

### **b. O cuidado numa dimensão da fé cristã**

O cuidado sem a fé tende a ser mais técnico e materialista. Para que o cuidado da vida humana seja pleno se faz necessário a vida de fé<sup>16</sup>.

A fé (...) leva a fazer a experiência do amor cuidador do Deus manifestado em Jesus Cristo, que, em seu amor tem palavras de consolo e de cura para com a humanidade. A fé nos leva a suplicar as bênçãos nas horas difíceis. A fé tem o poder de criar a harmonia interior. A fé tem o poder de libertar o ser humano daquilo que o faz sofrer. O cuidado numa dimensão de fé cristã, implica buscar despertar as forças interiores das pessoas, a fim de que sejam protagonistas de seu próprio processo de cura<sup>17</sup>.

Como nas curas que Jesus realizava: “A tua fé te salvou, te curou”. Sem a fé Jesus não pode fazer milagres, como quando visitou Nazaré, sua cidade. Desta forma o cuidado é uma identificação com Jesus Cristo. A realidade da cristificação descrita por Paulo, “Já não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20), demonstra a vida de Paulo configurada em Cristo. O mesmo deve se dar com todos aqueles e aquelas que se dizem cristãos e cristãs.

## **2. O ser cuidadoso e suas consequências**

Cuidado, cuidadoso, vem do latim, cura. Quer expressar cuidado, desvelo, preocupação pela pessoa ou pelas coisas que se faz. Cuidado é colocar atenção naquilo que

<sup>14</sup> BENEDITO DOS SANTOS, Jésus. *Novo Presbítero Católico sob a Mística do cuidado*. p. 92.

<sup>15</sup> BENEDITO DOS SANTOS, Jésus. *Novo Presbítero Católico sob a Mística do cuidado*. p. 92.

<sup>16</sup> BENEDITO DOS SANTOS, Jésus. *Novo Presbítero Católico sob a Mística do cuidado*. p. 93.

<sup>17</sup> BENEDITO DOS SANTOS, Jésus. *Novo Presbítero Católico sob a Mística do cuidado*. p. 94.

se faz. É uma atitude e postura de vida consciente! É estar de corpo e alma em cada atividade que se realiza.

#### a. Ser cuidadoso

Quando a pessoa se torna cuidadosa ela presta mais atenção naquilo que faz consigo mesma, com as outras pessoas, com a natureza e com Deus. Ser cuidadoso é romper com a moda atual de “vou levando a vida como dá”! A pessoa cuidadosa sabe acolher as surpresas do caminho, pois estas, também falam de Deus.

**Numa dimensão pessoal**, ser cuidadoso com a minha vida, com meu corpo, com meus sentimentos e pensamentos, são atitudes de descoberta e autoconhecimento em vista de uma missão. Quando passo a ter cuidado para comigo mesmo começo a perceber aquilo que me turva a vida e aquilo que me faz bem. Assim “tudo o que faço recebe significado mais profundo pelo cuidado”<sup>18</sup>. A aceitação de si mesmo sob as dimensão de corpo, mente e espírito são condições necessárias para não cair na competição e na inferioridade que aprisionam a liberdade de ser para os outros e para Deus, uma oferenda de vida em constante doação.

**Numa dimensão comunitária e social**, ser cuidadoso representa ser para os outros riqueza de dons, promovendo a vida plena em Cristo. Também, é estar aberto a receber a riqueza das outras pessoas, especialmente daquelas nas quais eu não coloco confiança e credibilidade. Amar o próximo do jeito de Jesus! Dar a vida! Gastar a vida!

O esperar recompensas é próprio da lei materialista que pretende fazer da vida humana uma mercadoria. Ser cuidadoso traz já uma recompensa: a alegria de poder servir. Se existirão, depois, recompensas ou não, isto se torna secundário.

**Numa dimensão religiosa cristã**, ser cuidadoso é acolher com gratidão a vida que Deus me deu, como também a sempre confiança que devo ter Nele todos os dias. Reconhecer Deus e deixar que Ele cuide de mim representa o antídoto contra a autossuficiência que torna a vida estéril e descomprometida com o projeto de Deus e para com a vida humana.

Ser cuidadoso não é cair num rigorismo de observâncias de leis e normas e muito menos num fazer atividades de modo compulsivo-obsessivo. O primeiro extremo expressa uma vida guiada pelo medo. O segundo extremo pode até expressar busca de visibilidade e de compensações interiores. Ser cuidadoso é ser e estar em sintonia com Deus, com o próximo em tudo aquilo que se faz.

#### b. Consequências do cuidado

1. **Ser cuidadoso tem a ver com despertar.** Despertar para a realidade. O cuidadoso não foge da realidade. Ele a busca e a conhece, com atenção. É olhar e compreender a realidade como ela é. Não a partir de filtros ideológicos. É tirar o véu das ilusões. É olhar por detrás das realidades a sua essência. É olhar para si mesmo, para os outros, para as coisas e acontecimentos do mundo com os sentidos e com a inteligência e o máximo despertos, dando o peso certo para cada coisa.
2. **A atitude do cuidado se transforma em responsabilidade.** O ser cuidadoso para com as coisas e pessoas é sinal de que elas são valiosas em si mesmas e não porque podem me servir de modo egoísta, como se fossem mercadoria. Isso se estende às coisas materiais, as pessoas e a natureza. Desta maneira sou responsável pelas minhas ações e por tudo o que pertence à humanidade.
3. **O cuidado como atenção, vigiar.** Faz parte de nossa vida espiritual vigiar o nosso comportamento. É necessário o cuidado para com nossos pensamentos, sentimentos, emoções e paixões que tentam determinar as

<sup>18</sup> GRÜN, Anselm. *Despertar o cuidado*, p.7.

nossas palavras e ações. É confrontar a minha vida segundo o Evangelho. Ser cuidadoso, nesse sentido, é próprio da função do porteiro que pergunta aos visitantes o que desejam. Assim se procede com nosso mundo interior. Toda a realidade interior que bate a nossa porta pode ser salutar como pode ser prejudicial. Não é do externo que partem os males que acontecem, mas do interior da pessoa humana (cf. Mc 7, 21-23).

4. **Ser cuidadoso é estar em relação consigo mesmo e com a realidade que existe.** Quando se perde a relação consigo mesmo, com as pessoas e com as coisas, se adocece. É através do relacionamento respeitoso que se descobre o mistério que existe em mim mesmo, nas pessoas, nas coisas e naquilo que faço. Quem não conhece a sua interioridade e não toma consciência daquilo que faz nunca está em casa. A realidade que existe pode adquirir significados diversos. Por exemplo, uma flor que se oferece a uma pessoa! Viver o momento presente é condição para apreciá-lo e usufruí-lo. Isso acontece concomitantemente estando conscientes com o passado, o presente e o futuro.
5. **Ser cuidadoso é proteção contra aquilo que faz mal a vida humana.** É a realidade do pecado que escraviza a pessoa. Ter o cuidado com tudo aquilo que entra nas janelas dos sentidos humanos: olhos e ouvidos. Aprender a dialogar com nosso mundo interior.
6. **Ser cuidadoso é proteger.** A pessoa protetora cuida daquilo que faz. Proteger tem a ver com teto. Colocar um teto sobre aquilo que trato com cuidado. Cuidar daquilo que representa perigo. É como colocar a mão protetora por sobre a pessoa.
7. **Na palavra cuidadoso existe o sufixo “oso”.** “Oso” significa “Cheio de”. **Está cheio de cuidado com o que faz. Está unido ao que está fazendo.** A palavra ternura e o afeto condizem com esta realidade. “Aquele que possui ternura sente-se unido a tudo aquilo que toma nas mãos. A pessoa que possui ternura está em sintonia consigo mesma e com seus opostos internos. O cuidado brota de sua ternura. Esta pessoa se sente unida com tudo o que existe. É ser manso e humilde de coração (cf. Mt 11, 29). A ternura se manifesta no cuidado. Ternura, cuidado e atenção andam juntas. O contrário da ternura é ser grosseiro.

O padre, o médico, o psicólogo, o leigo, o prefeito, o presidente, e qualquer pessoa e em toda e qualquer atividade que realizar se ele não colocar mais coração, alma no que faz, será mecânico, técnico, desumano e artificial. É necessário estar na hora certa, no lugar certo e no momento certo.

### **3. Qual é a medida da caridade que se expressa no cuidado e na responsabilidade?**

Nós somente temos a medida que damos as coisas e pessoas. Porém, quando caímos na mensuração e comparação, colocamos limites à ação ou ao modo de ver as pessoas e as coisas com as quais se estabelece relação.

A nossa vocação é para dar tudo quanto temos, e ainda mais: tudo o que nós somos. Assim, a medida do nosso amor é teoricamente ilimitada. Quanto mais nos desejarmos dar em caridade, mais teremos a dar. E quanto mais dermos, mais nos tornamos verdadeiros. Porque o Senhor nos deu um ser proporcional ao que temos a dar<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*, p. 145.

Tudo o que somos e temos deve se tornar doação. Em que medida? Dar o melhor que pudermos e que isso envolva a totalidade da pessoa que se faz doação. Não convence a caridade, o cuidado e a responsabilidade tarefaira, mecânica e funcional. Deve-se ter o cuidado para não se tornar técnicos e especialistas em tudo e esquecer-se de ser humanos para com as pessoas. O ser humano deve ser “especialista” em humanidade.

#### 4. Responsabilidade diante do homem – O amor como Êxodo do eu<sup>20</sup>

A responsabilidade diante de Deus se transforma em responsabilidade diante do outro. Por isso é que o mandamento de amar a Deus é seguido pelo mandamento de amar ao próximo, como a si mesmo.

A Revelação, que é amor, está a espera da resposta do homem. Essa resposta não volta a percorrer o caminho aberto pelo movimento que partiu de Deus: a resposta ao amor que Deus oferece ao homem é o amor do homem a seu próximo. Amar o próprio próximo significa caminhar para a eternidade, redimir o mundo ou preparar o Reino de Deus<sup>21</sup>.

“A responsabilidade diante de Deus, portanto, é uma só com a responsabilidade diante do homem. Este – o “eis-me” do eu diante do outro”<sup>22</sup>. Basta ver os profetas e Moisés. Eles não se preocupam com a imortalidade da alma, mas com o pobre, a viúva, o órfão e o estrangeiro. A responsabilidade pessoal do homem pelo homem é tal que Deus não pode anulá-la.

A íntima participação pessoal nas necessidades e sofrimentos do outro torna-se assim um dar-se-lhe a mim mesmo: para que o dom não humilhe o outro, devo não apenas dar-lhe qualquer coisa minha, mas dar-me a mim mesmo, devo estar presente no dom como pessoa.

Este modo justo de servir torna humilde o agente. Ele não assume uma posição de superioridade diante do outro, por mais miserável que possa ser de momento sua situação. Cristo ocupou o último lugar no mundo – a cruz – e, precisamente com esta humildade radical, nos redimiu e nos ajuda sem cessar (DCE 34-35).

- a. **“Ame o seu próximo”** – Qual é o primeiro de todos os mandamentos? (Mc 12, 28-34) – Amar a Deus e amar ao próximo. No Novo Testamento, mais que de dois mandamentos, trata-se, na realidade, de um só mandamento do qual um é a forma (“amar a Deus”) e o outro é conteúdo (“amar a Deus significa amar o próximo”). Basta ver o discurso de Jesus sobre o juízo final cf. Mt 25, 31-46).
- b. **“Como a si mesmo”** – “Ame seu próximo; é você mesmo”. É desejar ao próximo a mesma felicidade que desejo para eu mesmo. Importa amar a si mesmo e acima de tudo aceitar-se, pois cada pessoa é única, irrepetível e feita pelo amor de Deus.
- c. **Quem é meu próximo?** – Jesus apresenta a parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 30-37). O próximo é quem se torna próximo: qualquer que seja a pessoa. É a necessidade da pessoa que fala mais alto e nunca sua raça, religião, etc. Tudo aquilo que desejo para mim mesmo, devo desejá-lo para o meu próximo, e tudo aquilo que não desejo para mim mesmo nem para o meu próximo. A tradição cristã estabeleceu: **as obras de misericórdia corporal** (materiais) – dar de beber aos que tem sede, dar de comer aos famintos, vestir os nus, hospedar os peregrinos, visitar os enfermos, resgatar os prisioneiros e sepultar os mortos; **as obras espirituais** – aconselhar os que estão em dúvidas, instruir os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar pacientemente as pessoas inoportunas, rezar pelos vivos e pelos falecidos. Porém, estas obras elencadas reduzem a proximidade a algumas categorias. Elas são

<sup>20</sup> Cf. DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*. O trabalho seguirá a reflexão da obra deste autor. 57-83.

<sup>21</sup> LEVINAS, Emmanuel. *Fuori dal soggetto*. Marietti, Genova, p. 60.

<sup>22</sup> DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*, p. 58.

importantes, mas o ser humano é muito maior que estas categorias. Desde que a pessoa nasce é um necessitado. Isso não se dá com os animais. Eles já possuem um instinto de sobrevivência e autonomia (se deixados em seu habitat natural). O ser humano foi feito para a doação de si mesmo e para o amor. A parábola do bom samaritano expressa o ser humano necessitado, que grita e que espera um auxílio. Um corpo disforme que espera a resposta da responsabilidade. O silêncio deste infeliz, sem rosto e sem nome é assumido pela responsabilidade e compaixão de um estranho: um samaritano que passava por aquele caminho.

O lugar originário em que Deus me fala e me encontra, convocando-me para a responsabilidade e julgando-me, é o outro em seu ser de necessidade, a alteridade do outro em sua irredutibilidade ao desejo do eu e de seus projetos<sup>23</sup>.

Onde está Deus? Onde encontrá-lo? Não está entre os conhecedores de sua identidade, nas instituições, mas está lá onde ninguém o espera. Está no corpo de Jesus que morre sobre a cruz, excluído de todos. É o excluído que se torna presença de Deus. Deus entra na história pela presença do outro. O homem foi gerado para a responsabilidade, como pura, gratuidade e generosidade.

O próximo é todo o homem e toda a mulher por meio de cuja alteridade o amor de Deus encontra o eu, chamando-o para sair de sua terra e caminhar em direção do outro. É o rosto que destitui o eu de seus poderes e o convoca à bondade, a santidade, à compaixão e à generosidade<sup>24</sup>.

**d. O amor como compaixão** – O bom samaritano chegou perto daquele que tinha sido assaltado e que estava quase morto e teve compaixão. Bem diferente foi a atitude do sacerdote e do levita. A compaixão é a primeira figura da responsabilidade. Deus teve compaixão do seu povo que estava escravo no Egito. Deus se manifesta como aquele que sente o sofrimento de seu povo. A ética da responsabilidade é, antes de mais nada, a ética da compaixão. Desprezar as pessoas é desprezar o Criador, Deus. Quem despreza os outros não pode obter nada dele. É bom lembrar que nada daquilo que nós desprezamos nos outros é estranho dentro de nós. “Devemos aprender a avaliar as pessoas mais por aquilo que sofrem do que por aquilo que fazem ou não fazem”<sup>25</sup>. Deus não desprezou os homens, mas se tornou homem por amor a eles.

A razão pela qual a compaixão (e não a luta e a rebelião) é a figura primeira da responsabilidade indeclinável é porque quem sofreu tem a possibilidade de transformar o seu sofrimento em princípio de não mais fazer sofrer. Uma vez que você sofreu e sabe o que quer dizer sofrer, você não deve fazer sofrer. Esta conclusão fez o Povo de Israel quando foi estrangeiro padecendo a escravidão. “A queimadura do meu sofrimento e a angústia da minha morte” transfiguram-se “em pavor e preocupação pelo outro homem”<sup>26</sup>.

A compaixão nos leva a compreender até as pessoas que nos desagradam. Convém recordar que Cristo entregou a sua vida por esta pessoa: “Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate!” (1Cor 7, 23)<sup>27</sup>. Fazer sofrer, seria vingar-se!

Por isso, quando eu olhar o rosto que me incomoda, posso imaginar Jesus sofrendo nesse ser humano, compartilhando suas angústias e as amarguras de sua alma. Em vez de estar atento ao que me desagradam, posso contemplar nessa

<sup>23</sup> DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*, p. 68-69.

<sup>24</sup> DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*, p. 70.

<sup>25</sup> DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*, p. 72.

<sup>26</sup> DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*, p. 72.

<sup>27</sup> Cf. MANUEL FERNÁNDEZ, Víctor. *Teologia espiritual encarnada*, p. 310.



peessoa o rosto de Jesus coroado de espinhos. Por isso posso ser compassivo e suportar alguma injustiça para não começar uma guerra inútil<sup>28</sup>.

- e. **O amor como perdão** – “O amor ao próximo, além de compaixão, é chamado a tornar-se, para o Novo Testamento, perdão”. Compaixão e perdão são distintos. A compaixão se dirige ao outro enquanto estranho e provado pelo sofrimento. O perdão se dirige ao outro enquanto produtor de inimizade em suas relações. Jesus Cristo perdoava os que o torturavam. “Ame seus inimigos e rezem por aqueles que perseguem vocês” (cf. Mt 5, 43-48). “A bondade é único verdadeiro futuro que se abre para o homem, o seu único futuro digno desse nome e portador de real novidade”<sup>29</sup>.

A razão pela qual, para o Novo Testamento, o perdão é o princípio de reconstituição do mundo é porque ele é a única potência capaz de violar a lógica da violência que enreda, em um círculo perverso, a história humana e a história das relações humanas<sup>30</sup>.

No dia 30 de janeiro de 1948, vinte horas antes de ser morto, Gandhi confidenciou: ‘Se amanhã uma bala me transpassar e eu cair por terra sem injuriar ninguém, mas apenas invocando o nome de Deus, então é certo que minha pretensão um dia será reconhecida’. A não violência é que constrói verdadeiramente o ser humano. Basta contemplar a vida de Jesus Cristo que perpassa as torturas, o julgamento e a morte de cruz.

- f. **O amor como justiça** – “O agir segundo o horizonte do ‘é justo’, não se opõe ao amor, mas é a sua verdadeira instauração. Com efeito, o amar o estrangeiro, o órfão e a viúva e o perdoar o mau, o inimigo o violento comporta um movimento de generosidade e de gratuidade que coincide com a própria bondade e misericórdia.

A outra visão de justiça parece contradizer esta primeira visão. Mas não contradiz. É a visão da justiça como medida, peso, equilíbrio, troca e igualdade; como um conjunto de normas, das instituições e das leis que determinam a equidade dessa troca e a restabelecem quando é violada. Daqui nasce a expressão “fazer justiça”, como restauração da ordem violada.

Diante do outro ou dos outros o eu se torna refém e responsável. Nisso surge a justiça como medida e igualdade. A justiça deve ser entendida como objetivação do evento da misericórdia, da bondade e da generosidade de Deus.

A justiça é a colocação em ação de leis e de instituições adequadas, nas quais se objetiva o princípio da bondade ou da misericórdia, sem que o ser humano seja ameaçado de se precipitar novamente no caos.

Nas horas escuras da história, apenas as instituições justas, firmes e democráticas podem conter a barbárie pela qual a humanidade é ameaçada para despertar as consciências humanas à sua dignidade e responsabilidade. Sem a vivência do amor a pessoa humana regride.

- g. **O amor vence a morte** – Um texto do talmude babilônico expressa o tema em que o amor vence a morte:

No mundo foram criadas 10 coisas duras. A montanha é dura, mas o ferro pode rachá-la. O ferro é duro, mas o fogo pode dobrá-lo. A água é dura, mas as nuvens a carregam. As nuvens são duras, mas o vento pode expulsá-las. O vento é duro, mas o corpo pode resistir-lhe. O corpo humano é duro, mas o medo pode

<sup>28</sup> MANUEL FERNÁNDEZ, Víctor. *Teologia espiritual encarnada*, p. 311.

<sup>29</sup> DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*, p. 76.

<sup>30</sup> DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*, p. 76.

despedaçá-lo. O medo é duro, mas o vinho pode bani-lo. O vinho é duro, mas o sono pode vencê-lo. Mas a morte é a mais forte de todas as coisas. Todavia, a justiça liberta da morte (Pro 10, 2)<sup>31</sup>.

A pessoa humana é ameaçada por muitas coisas neste mundo. A morte a ameaça. Porém, a última palavra não pertence a morte, mas a esperança. Isso é atestado por todas as culturas. Para a tradição cristã é a certeza da Ressurreição. Tudo o que é mortal vive deste medo. A morte é mais forte do que qualquer outra coisa no mundo. Porém, a justiça liberta da morte. Justiça entendida como sinônimo de bondade, de gratuidade e de desinteresse, é a única potência capaz de destruir a morte e introduzi-lo na vida eterna, neste horizonte de felicidade e de sentido que destrói os medos e inseguranças<sup>32</sup>.

A razão pela qual a justiça liberta da morte é porque se entra na vida. A morte não tem a última palavra.

Se o homem fosse apenas ser de necessidade em busca de auto realização, a morte seria a palavra última e conclusiva que desmascararia seu destino trágico e absurdo porque tornaria insensato todo o cuidado que o eu queira tomar por sua existência e por seu destino<sup>33</sup>.

**Porque a pessoa é um ser de necessidades ele é constituído de responsabilidade. Responsabilidade que é a superação do “cuidado consigo mesmo”, para o “cuidado do outro”.** “A razão pela qual a responsabilidade não teme a morte é porque ela, como bondade e gratuidade, floresce fora do espaço do ser e do eu, o único espaço onde reina a morte”<sup>34</sup>.

Cristo venceu a morte pelo amor. A vida humana, a morte, são momentos dentro de um espaço-tempo, se assim podemos dizer, como “pausa do eterno” (Jürgenn Moltmann) ou “tardança do eterno” (Martin Fierro).

“Nele ele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor” (Ef 1, 4). Fomos pensados por Deus desde toda a eternidade. De Deus nós viemos e a Deus retornamos. Estamos indo para casa. O amor, a caridade, é sempre necessária, mesmo numa sociedade que seja justa, pois sempre haverá sofrimento que necessite de consolação e ajuda (cf. DCE 28). “A Igreja é uma dessas forças vivas: nela pulsa a dinâmica do amor suscitado pelo Espírito de Cristo. Esse amor não oferece aos homens apenas uma ajuda material, mas também o refrigério e cuidado para a alma – ajuda esta muitas vezes necessária que o apoio material” (DCE 28).

## **5. Imagens do cuidado e da responsabilidade**

**Lc 10,25-37** (A parábola do Bom Samaritano).

**Lc 15, 1-7** (A parábola da ovelha perdida).

## **6. O cuidado e a responsabilidade para com os novos rostos que Aparecida descreve.**

Nestes últimos anos “a globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos de pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixemos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil,

<sup>31</sup> BATHRA, Bava apud DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*, p. 79-80.

<sup>32</sup> Cf. DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade* 81-82.

<sup>33</sup> DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*, p. 82.

<sup>34</sup> DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*, p. 82-83.

mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros. A Igreja, com sua pastoral social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas.”<sup>35</sup>.

Estes novos rostos que expressam sofrimento, não são os únicos. Continuam existindo aqueles rostos que o Documento de Santo Domingo no número 178 relatou e denunciou.

Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25, 31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. [...] Os rostos desfigurados pela fome, consequência da inflação, da dívida externa e das injustiças sociais; os rostos desiludidos pelos políticos que prometem, mas não cumprem; os rostos humilhados por causa da própria cultura, que não é respeitada [...]; os rostos aterrorizados pela violência diária e indiscriminada; os rostos angustiados dos menores abandonados [...]; os rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas; os rostos cansados dos migrantes [...]; os rostos envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho dos que não tem o mínimo para sobreviver.<sup>36</sup>

Todos estes rostos são advento de Deus e ao mesmo tempo convite para que cada um faça o êxodo na direção destes rostos através da caridade que se desenha por meio de muitas formas, entre elas o cuidado, a responsabilidade e a justiça.

### **7. A carta a Diogneto como expressão da caridade através do cuidado e da responsabilidade.**

A Carta a Diogneto apresenta algumas características dos primeiros cristãos. Os cristãos não habitavam em cidades que fossem próprias deles, não usavam idiomas diferentes, a doutrina que eles seguiam não era humana. Eles moravam em todas as cidades seguiam as vestimentas e a alimentação dos locais em que habitavam. Moravam na própria pátria, mas sabiam que eram cidadãos peregrinos para a casa do Pai. Participavam das atividades locais, porém suportavam-nas como estrangeiros. Para os primeiros cristãos a terra estranha é a sua pátria e a sua pátria é terra estranha. Viviam o matrimônio sem abandonar os filhos. A mesa das refeições era de uso comum, mas não o leito. Eles estavam na carne, mas não viviam segundo a carne. As leis civis eles as obedeciam, porém superavam as leis pelo seu testemunho de vida. Amavam a todos e por todos eram perseguidos. Eram condenados e mortos e com isso se vivificavam. Sendo eles pobres ajudavam a muitos. Eram desonrados e por isso, glorificados. Quando amaldiçoados eram justificados, bendiziam e tributavam honras. Eles faziam o bem e eram, por isso, castigados e tratados como malfeitores. Padeciam suplícios e se alegravam. Os judeus os hostilizavam e os gregos os perseguiram, porém, os que faziam isso aos cristãos não sabiam o porquê os tratavam com inimizade<sup>37</sup>. Nesta descrição sobre a vida dos cristãos do tempo apostólico aparecem como eixos nucleadores: a liberdade cristã, a comunhão de vida com todos, a esperança que provém da fé, a mansidão e a autenticidade de vida. As próprias antíteses empregadas revelam, por um lado, a presença de Jesus Cristo e da Palavra de Deus na vida deles, por outro, a sua capacidade de transcendência para além das vicissitudes do mundo sem excluir-se do mundo. Assim, por exemplo, “amam e são perseguidos” e, por isso, não deixam de amar. Atitude contraditória que revela que a perseguição não possui a última palavra, pois eram sustentados por Cristo.

### **8. O hino de São Paulo à caridade**

<sup>35</sup> CELAM. *Documento de Aparecida*, 402. CNBB: Paulus; Paulinas, 2007.

<sup>36</sup> CELAM. *Documento de Santo Domingo*, 178. Petrópolis: Vozes, 1992.

<sup>37</sup> Cf. A CARTA A DIOGNETO, Capítulo V, 22-23.

O hino da caridade escrito por São Paulo quer exaltar a grandeza e profundidade da caridade, do amor cristão. Se na base de tudo aquilo que a pessoa realiza não estiver a dimensão da gratuidade e do louvor a Deus pelas maravilhas que Ele realizou e realiza em cada pessoa, a vida se torna fria, comercial, calculista e competitiva.

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, eu nada seria. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada adiantaria. A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais passará. Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas cessarão. Quanto a ciência, também desaparecerá. Pois o nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia. Mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá. Quando eu era criança falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio de criança. Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas, depois, veremos face a face. Agora o meu conhecimento, mas, depois, conhecerei como sou conhecido. Agora, portanto, permanecem fé, esperança e caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade (1Cor 13, 1-13).

### **Considerações finais**

O encontro permanente com a Pessoa de Jesus Cristo é fonte de toda a caridade cristã. O reconhecimento do Deus vivo, que criou todas as coisas que existem e que se manifestou plenamente em Jesus Cristo, é o caminho para a caridade, o cuidado, a justiça e a responsabilidade para com todos os irmãos e irmãs, principalmente os que mais sofrem, pois são advento do próprio Cristo. A caridade, o amor cristão une intelecto, vontade e sentimentos na pessoa<sup>38</sup>.

Em meio ao império do “eu” em que a sociedade vive, tremula ténue a bandeira da caridade, sendo sinal de esperança e de um novo amanhecer. Quando muitas coisas e pessoas são pesadas e avaliadas por aquilo que os padrões culturais estabelecem, permanece o então cenário de excluídos, inferiorizados e marginalizados. Nada mais causa sofrimento que a insensibilidade social, mesmo diante de uma realidade cultural que exalta demasiadamente os direitos em detrimento dos deveres.

Os rostos dos sofredores e as surpresas do cotidiano provindas dos que sofrem falam do Deus que irrompe na vida de cada um de nós, como convite a contemplarmos, com entranhas de caridade e misericórdia, estes e estas que carregam no fardo de sua história pessoal marcas de sofrimento e cicatrizes que o tempo ainda não sarou. Cuidado e responsabilidade se fundem num mesmo e único horizonte humano, mas que fala do Divino, pois Jesus Cristo o revelou e o viveu com os sofredores do seu tempo. Cabe, então, longe de julgamentos, a misericórdia e a caridade.

### **Referências**

A CARTA A DIOGNETO. Petrópolis: Vozes, 1976.  
BENEDITO DOS SANTOS, Jesús. *Novo Presbítero Católico sob a Mística do cuidado*. São Paulo: Santuário,

<sup>38</sup> BENTO XVI. *Deus é amor*, 17. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006

- BENTO XVI. *Deus é amor*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. CNBB: Paulus; Paulinas, 2007.
- CELAM. *Documento de Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- DI SANTE, Carmine. *Responsabilidade*. São Paulo: Paulus, 2005.
- ESQUERDA BIFET, Juan. *Espiritualidad misionera*. BAC, 1982.
- GRÜN, Anselm. *Liderar por meio de valores*. São Paulo: Paulus, 2007.
- GRÜN, Anselm. *Despertar o cuidado*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JORGE, José Antônio, *Dicionário Informativo Bíblico, Teológico e litúrgico*, com aplicações práticas. São Paulo: Editora Átomo, 1999.
- LEVINAS, Emmanuel. *Fuori dal soggetto*. Genova: Marietti, 1992.
- LOPES, Geraldo. *Gaudium et Spes*. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011
- MANUEL FERNÁNDEZ, Víctor. *Teologia espiritual encarnada*. São Paulo: Paulus, 2007.
- MARTINI, Carlo Maria. *Las virtudes del cristiano que vigila*. Valencia: EDICEP, 2002.
- MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. São Paulo: Verus Editora, 2003.
- PIKAZA, Xabier. *Amor*. In. *Dicionário Teológico o Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998.